

Entrevista

ENTREVISTA COM BENJAMIN T. SMITH: A PUBLICAÇÃO DE *DICTABLANDA: POLITICS, WORK AND CULTURE (1938-1968)* E OUTRAS QUESTÕES

Interview

INTERVIEW WITH BENJAMIN T. SMITH: THE PUBLISHED *DICTABLANDA: POLITICS, WORK AND CULTURE (1938-1968)* AND CURRENT AFFAIRS

Aline Maria de Carvalho PAGOTTO*

Benjamin T. Smith é Professor Associado em História da América Latina na Universidade de Warwick, Reino Unido e, sobretudo, historiador e analista das políticas culturais do Estado mexicano no período do pós-revolução.

No livro *Pistoleros and popular movements: the politics of state formation in postrevolutionary Oaxaca*, Benjamin Smith (2009), analisa a diversidade das políticas socioculturais do período pós-revolucionário. Por essa mesma razão, reflete algumas questões interessantes dos idos de 1920 a 1950, como, por exemplo, as características peculiares dos líderes locais e regionais, o surgimento e estabelecimento do movimento feminista, a violência exacerbada do governo e a reforma agrária.

No mês de março de 2014, Smith publicou, em coautoria com Paul Gillingham (Universidade da Pensilvânia, EUA), mais uma importante reflexão sobre esse tema. *Dictablанда: politics, work and culture, 1938-1968*, oferece uma nova perspectiva: a “dita-branda”; ou seja, os autores afirmam que o regime *priista* mexicano foi, em verdade, uma ditadura de autoritarismo demasiado brando.

Esta entrevista ocorreu durante a manhã do dia 28 de abril de 2014, no *Humanities Building* (o prédio administrativo das Ciências Humanas) da Universidade de Warwick, em Coventry, Reino Unido.

* Doutoranda em História – Mestre em História – Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Franca, CEP: 14409-160, Franca, São Paulo – Brasil. Bolsista CAPES/PDSE. E-mail: pagottoaline@gmail.com

ALINE M. C. PAGOTTO (AMCP): Primeiramente, Benjamin T. Smith, quero agradecê-lo pelo aceite cordial a esta entrevista.

BENJAMIN T SMITH (BTS): Obrigado, Aline. Agradeço a você pelo interesse em meu trabalho e, por favor, chame-me Benjamin.

AMCP: Benjamin, gostaria que falasse um pouco sobre sua parceria com Paul Gillingham e a publicação de *Dictablanda*.

BTS: Paul Gillingham e eu nos graduamos praticamente ao mesmo tempo entre 2005 e 2006. E sempre tivemos interesses em comum, como, por exemplo, o período do pós-1940, que, infelizmente, ainda é pouco estudado pela historiografia, embora tenha representado uma mudança sólida da sociedade mexicana, com enorme crescimento demográfico, câmbio de uma sociedade rural para urbana e estabelecimento do PRI, em 1946. Este período da história do México chamado de “Era de Ouro”, datado de 1940 a 1970, acaba sendo um grande buraco na historiografia. Ainda que tenhamos uma grande quantidade de estudos relacionados à Revolução Mexicana (1910-1920) e ao Cardenismo (1936-1940) e, por assim dizer, um grande volume de análises dos movimentos de guerrilha e do processo de democratização, não temos muitas pesquisas a propósito do pós-1940. Assim, Paul e eu reunimos alguns colegas acadêmicos que, preocupados, como nós, com o vazio historiográfico do pós-revolução, haveria refletir e promover novos estudos desse período. Conforme organizávamos o livro, notamos uma ideia orgânica em comum. Essa mesma ideia respondeu, em nossa opinião, uma pergunta importantíssima, qual seja: “Por que o governo PRI durou tanto tempo?”. Sinceramente, as antigas interpretações do período pós-revolucionário, como, por exemplo, o revisionismo e sua concepção de Estado corporativo e manipulador e a perspectiva contemporânea de cultura hegemônica, não conseguiram respondê-la. Essa nova base nos direcionou a seguinte resposta: o PRI configura no que definimos por *Dictablanda*, ou melhor, um regime de autoritarismo brando.

AMCP: Então, *Dictablanda* representa uma nova forma de se conceber o período pós-revolucionário?

BTS: Sim. Ao menos, espero que sim. Essa seria também a resposta para organizarmos um livro com estudiosos tão ecléticos, para que, assim, debatêssemos tal novidade.

Então, sim, estamos tentando trazer uma ideia nova. Somos muito conscientes em relação a isso. Contudo, fazemos questão de deixá-la em aberto, para que haja um debate. Afinal, acreditamos que qualquer debate futuro seja proveitoso. Particularmente, hoje em dia, qualquer debate é bem-vindo, sobretudo, em relação aos estudos recentes que afirmam acertada ou erroneamente um crescimento na repressão às organizações operárias e rurais mexicanas, nos idos de 1960 e 1970. Essas interpretações normalmente vêm de historiadores que analisam os arquivos “recém-abertos” do Serviço Secreto e os movimentos de guerrilha e, portanto, concebem o PRI como um grande “vilão” da história mexicana.

AMCP: Benjamin, como vocês relacionaram esses autores ecléticos e suas ideias à *Dictablanda*?

BTS: Na verdade, sentamos e começamos a trabalhar. Conforme fomos trabalhando, percebemos que todos nós tínhamos uma relação orgânica. E, claro, realizamos as nossas pesquisas praticamente nos mesmos lugares. Abrimos os mesmos arquivos e lemos as mesmas pastas. Basicamente, trabalhamos com fontes similares e, obviamente, quando escolhemos os autores, já sabíamos que as ideias proferidas combinavam com as premissas da *Dictablanda*.

AMCP: O que é a *Dictablanda*?

BTS: Basicamente, a *Dictablanda* diz que o Estado mexicano empregou uma mistura de coerção e cooptação; contudo, e isso é muito importante, o mesmo não fora tão poderoso quanto normalmente se afirma. Essa perspectiva afirma que o Estado mexicano, na verdade, fora substancialmente fraco e, sendo assim, a população mexicana “preferiria” acreditar em um único discurso, ou seja, o discurso *priista*, muito embora isso tenha mudado muito de presidente para presidente. Por fim, a *Dictablanda* afirma uma inter-relação entre coerção e cooptação mais fraqueza de Estado.

AMCP: Além da *Dictablanda*, vocês falam em “Estado fraco”. O que isso significa exatamente?

BTS: Essa ideia do “Estado fraco” vem sendo dita por grandes nomes da literatura mexicanista, como, por exemplo, Alan Knight. Mas, ele não é o único. Podemos mencionar Wil Pansters e Jeffrey Rubin, cuja interpretação afirma que o Estado não fora

autoritário, muito menos corporativo, mas sim divergente e, por isso, alicerçado em culturas regionais e caciques locais a fim de estabelecer seu longo governo. Alguns autores mencionam a fraqueza estatal mexicana, mas não analisam, por exemplo, os problemas financeiros do Estado e a incapacidade do PRI de controlar as eleições. Isso é complicado. Por isso, acreditamos que seja necessário mencionar mais a fraqueza estatal, mas, considerando, ao mesmo tempo, os cerne e pormenores.

AMCP: Durante muito tempo, o PRI e o Estado mexicano foram (e, em alguns momentos, ainda são) compreendidos como uníssonos. Você vê diferença entre ambos?

BTS: Sim. Acredito que tenha havido uma clara diferença entre o PRI e o Estado mexicano. Talvez, em uma leitura simplista, o leitor poderá concluir que *Dictablanda* firma a ideia de um Estado *priista*. Mas, a questão é mais profunda. Referimo-nos, em verdade, ao Estado mexicano da seguinte forma: um Estado que ficou, durante muitos anos, precisamente de 1930 a 2000, sob a direção do Partido Revolucionário Institucional (PRI). Para ficar mais claro, cito um exemplo: em 1965, o presidente Díaz Ordaz (1964-1970) empregou Carlos Madrazo para promover uma série de mudanças no PRI. Díaz Ordaz solicitou, principalmente, o estabelecimento de eleições primárias e municipais. Madrazo, obviamente, obedeceu às solicitações do presidente. Depois disso, o caos se estabeleceu no país. Alguns grupos populares insurgiram contra velhos caciques, o que gerou muitos conflitos e violência. Isso evidenciou a incapacidade do governo *priista* de controlar determinadas situações. Por fim, Díaz Ordaz assumiu uma postura “contra” seu próprio partido: demitiu Madrazo, que, inclusive, acabou morrendo de forma muito estranha. Essa demissão representou que, em minha opinião, o Poder Executivo falava mais forte que o PRI, assim como, deixou explícito que existia distinção entre um e outro. Afinal, o ato de desempregar e/ou expulsar seu correligionário traz consigo muitos significados.

AMCP: Alguns mexicanistas afirmam que nessas ocasiões, tal qual o repúdio *priista* a Carlos Madrazo, comprova-se, em verdade, a íntima relação entre o Estado mexicano e o PRI. O que você acha disso?

BTS: Não, não penso assim. Acredito que comprove exatamente o contrário.

AMCP: Benjamin, você acha que a historiografia ultimamente está se interessando mais pelo período do pós-revolução?

BTS: Sim. No ano de 2007, acredito que tenha sido em alguma Conferência na América Latina, Alan Knight afirmou que a historiografia estava deixando um pouco de lado os estudos da Revolução Mexicana, para, assim, direcionar-se aos estudos do pós-revolução. Mas, preocupo-me com esses novos estudos, pois tendem, em sua maioria, a construir castelos em cima de areia, como, por exemplo, ao afirmar que o Estado mexicano fora extremamente autoritário. E tal momento representou mudanças muito radicais de sexênio a sexênio.

AMCP: A Revolução Mexicana, para você, foi muito estudada?

BTS: Não. Na verdade, acredito que seja exatamente o oposto, se compararmos com, por exemplo, a grande quantidade de estudos realizados a propósito das Revoluções Americana, Inglesa e Francesa. Isso sim é bastante trabalho! Na verdade, acredito que ainda haja espaço – e isso está acontecendo agora no México e nos EUA – para uma grande reavaliação da Revolução Mexicana. Hoje em dia, há uma grande discussão sobre o verdadeiro papel da “terra” no período revolucionário. Muitos acadêmicos afirmam que as questões direcionadas às terras, basicamente, levaram a revolução a diante e que questões como essas, em tão grande proporção, não foram vistas durante os séculos XVIII e XIX. Contudo, isso não implica em uma distribuição de terras absolutamente igualitária. Inclusive, hoje em dia, muitos estudiosos dizem que as terras mexicanas ficaram subordinadas ao comando dos *rancheros*. Nesse sentido, a ideia da revolução como algo primordialmente agrário e que, sem dúvida alguma, ajudou aos camponeses, fica praticamente anulada. Essa é a ideia trabalhada por Antonio Escobar Ohmsted (CIESAS) e Matthew Butler (Universidade do Texas).

AMCP: O período do pós-revolução foi pouco estudado em detrimento de sua grande complexidade?

BTS: Sim. Acredito que esse período complexo assustou (e ainda assusta) muita gente. Sua grande complexidade, como você mesma chama, impossibilita o encaixe teórico em moldes clássicos e, por isso, imobiliza alguns estudos. Acho que ainda sabemos muito pouco sobre esse período.

AMCP: O que foi o PRI?

BTS: Essa é uma pergunta muito difícil. O PRI é basicamente um partido político. Esse partido possuiu (e possui) algumas regras políticas muito particulares, e, às vezes, mutantes, especialmente, no que se refere ao seu papel no cenário político do país. Ele certamente não é uma ideologia, com certeza! E não foi um grupo fixo, pois, sempre mudou seus líderes e discursos. Está muito mais próximo a um modelo institucional que firma e viabiliza regras semi-institucionais de mudança.

AMCP: A historiografia tradicional, como você mesmo disse, divide o período do pós-revolução em duas partes: 1) A Era de Ouro (1940-1968) e 2) A Queda do Estado (1969-1980). Gostaria que você falasse um pouco sobre o que representa essa divisão e se ela é válida. Afinal, possui sérias falhas, como, por exemplo, a considerada “queda estatal”, após 68, que ocorreu, para a historiografia, durante longos trinta anos. Essa queda, em minha opinião, deve ser questionada. O que acha?

BTS: Pode ser... Essa é somente uma descrição linguística que revela uma série de acepções em relação ao período estudado. Normalmente, a Era de Ouro é descrita como algo que ocorreu de 1940 a 1968, indicando, por exemplo, o milagre econômico, a explosão demográfica e o enriquecimento cultural em campos específicos, tal qual o cinematográfico. Por essa razão, falam em uma Era de Ouro do cinema mexicano. Após 1970, nota-se que a economia vai estagnando, mas, ainda há uma explosão demográfica e urbanização massiva. E suponho que ainda exista uma cultura nadir da Revolução Mexicana. Observa-se também que a temática dos filmes muda, pois assume a feição de um pornô barato. Lopez Portillo, inclusive, casou-se com Sasha Montenegro, uma atriz deste gênero cinematográfico. Particularmente, não concebo 68 como sendo ponto de mudança da história mexicana, pois, como disse anteriormente, seria apenas o momento em que a classe média percebera a nocividade do PRI à democracia do país. E, do mesmo modo, acredito que 1982 tenha sido outro momento de mudança. Afinal, a classe média deixou evidente que não sabia o que estava fazendo, e, por volta de 1990, as “pessoas comuns” perderam quase todas as suas economias por conta desta ineficiência. Nos anos de 1994 e 1995, a queda do PRI já era perceptível e inevitável. Nesse caso, havia duas opções: 1) ou ele ficava para trás e deixava os fatos ocorrerem democraticamente ou 2) tornava-se verdadeira e inteiramente autoritário. E, obviamente,

decidiu ficar para trás. Hoje em dia, com o retorno de Peña Nieto, podemos questionar com mais clareza a definição que nomeava a queda do estado, afirmando que, talvez nunca tenha acontecido tal “queda”.

AMCP: O que você acha dessa definição? Mais uma pergunta: você acha que esse período foi de todo semelhante?

BTS: Não, acho que esse período mudou muito a cada seis anos e dificilmente conseguiremos montar um esquema para entendê-lo. Nesse momento, por exemplo, você tem Alemán e sua ânsia por desenvolvimento; Ruiz Cortinez e sua luta contra a corrupção, com a expansão de vários programas sociais; Lopez Mateos e sua luta contra o trabalho autônomo na cidade e no campo, mas distribuindo uma grande quantidade de terra; Díaz Ordaz e seu excessivo autoritarismo, como pináculo da revolução, culpado pelo assassinato de inúmeros jovens em Tlatelolco. Por outro lado, temos também Echeverría que recupera a retórica cardenista-populista, mas, sem a generosidade de Cárdenas. Echeverría foi, na verdade, um personagem fascinante! Por falar nisso, indico a leitura de *A deterioração da presidência mexicana* de Samuel Schmidt.

AMCP: E qual seria, para você, a cronologia do pós-revolução?

BTS: Bom, existem inúmeras formas de fatiar o período do pós-revolução. E acho que cronologia é algo muito importante para o historiador, pois traz consigo algumas definições do escritor e expectativas ao leitor. Se você encontrar, por exemplo, um estudo cuja cronologia estabeleça tal período como algo que ocorreu de 1920 a 2000, o estudioso possivelmente enxerga o PRI e o Estado como uma coisa só. Isso está claramente errado! A historiografia tradicional divide o pós-revolução em duas partes: 1) 1940-1968 e 2) 1969-1980. Isso nos traz duas informações: a) o PRI é invariável e b) a classe média fora a principal voz do país. Pensa-se assim, pois, o ano de 1968 fora escolhido para representar uma mudança do cenário político cultural do país. Essa mudança está relacionada ao *Massacre de Tlatelolco*, cuja fatalidade evidenciou a classe média uma suposta “maldade *priista*”. Odeio dizer isso, mas, já havia mais de vinte anos que os *rurales* insurgiam contra o regime *priista*. Desde o fim da década de 1940, a população mexicana estava insatisfeita. O episódio de 68 trouxe consigo a ilusão desse desprazer ter começado com ele. Mas, não foi. Para mim, o período do pós-revolução ocorreu de 1938 a 1970. Afinal, com a presidência de Echeverría as coisas

acabam mudando muito. A partir de sua presidência, as coisas mudam no México. E, para mim, Echeverría marcou por sua consciência, embora, talvez tenha sido o verdadeiro responsável pela morte dos estudantes em 68. Echeverría promoveu a abertura do Estado e permitiu que a população mexicana fizesse críticas construtivas a ele. Echeverría também mexeu em um ponto complicado do Estado mexicano: as leis eleitorais.

AMCP: Jaime Pensado da Universidade de Stanford, EUA, afirma que, antes de 1968, já existiam movimentações contra o regime *priista* e, para evidenciar tal questão, cita a insurgência dos alunos do Instituto Politécnico. Segundo o autor, esse ocorrido não recebeu a devida atenção da historiografia por não ter vindo da classe média. Sua perspectiva acerca do *Massacre de 68* segue, então, essa mesma linha reflexiva?

BTS: Segue totalmente. Gosto muito do trabalho do Jaime Pensado. Agora, acredito que algumas coisas que responderei aqui poderão ser mal interpretadas, mas, espero que sejam compreendidas como meras reflexões. O ano de 1968 representou uma série de coisas e cada grupo tem sua opinião. Mas, a minha é a seguinte: 1968 mudou a perspectiva de um grupo que se autoelegu intelectual. Eles normalmente estavam ligados a personalidades, como Carlos Monsiváis e Elena Poniatowska, que perdeu o irmão no episódio de Tlatelolco. Depois disso, algumas pessoas desse mesmo grupo passaram a receber “empregos” do Estado, como, por exemplo, os cargos diplomáticos. Outras delas assumiram cargos em revistas críticas e culturais. Podemos dizer, então, que o ano de 1968 mudou a opinião de um grupo que produzia opinião. E que, por isso, acabaram liderando um movimento que pretendia resignificar o PRI no México. Mas, duvido muito que – e essa é minha resposta à pergunta – tal movimento tenha saído do círculo culto da Cidade do México. Jaime Pensado diz a mesma coisa com seu estudo sobre o Instituto Politécnico. Os estudantes do Politécnico eram em sua maioria da classe operária e não tinham apoiadores hipster na elite mexicana. Eles não eram fabricantes de opiniões, então, sua movimentação fora deixada de lado. Enfim, não acredito que o ano de 1968 mudou a história do México, mas, com certeza, mudou a forma como um grupo enxergava o regime *priista*. Na verdade, fora das grandes cidades as pessoas não sabiam o que tinha acontecido ou não se importavam com o que tinha ocorrido. Os estudantes não eram tão bem quistos como se pensa normalmente.

AMCP: Se você não se importar, gostaria de mudar um pouco de assunto. Anteriormente, você mencionou o político Carlos Madrazo e pude notar, corrija-me se estiver errada, certa admiração sua em relação a ele. Normalmente, não encontramos estudos mais aprofundados em relação à Madrazo, que analisem, por exemplo, suas propostas de reforma partidária, ou mesmo, o impacto delas na alta cúpula do PRI. Por que acha que isso ocorre?

BTS: Sim, com certeza. Admiro bastante o Carlos Madrazo. Na verdade, acredito que Madrazo tenha recuperado, mesmo que de modo diferente, o lado *cardenista* radical do PRI. Foi muito carismático e possuía uma legião de apoiadores. Os jornalistas, por exemplo, adoravam citá-lo. E o mais fascinante é que ele realmente conseguia trabalhar no PRI, mesmo que o partido caminhasse mais para a direita. Foi em 1964 que assumiu a presidência do Comitê Nacional do PRI. Seus problemas, no entanto, surgiram apenas por volta de 1965. Logo depois, ele foi expulso da Câmara. Para mim, sua carreira política foi basicamente muito bem operada. Após sua expulsão do partido, fez duas coisas: 1) caminhou às universidades conclamando a juventude a se levantar pelo país, já que o PRI não os deixava participar de sua vida política e 2) foi atrás de dados e documentos municipais que comprovassem a condição abjeta das cidades e, depois, realizou grandes discursos afirmando que o governo municipal era o principal inquilino da Revolução Mexicana. E dizia também que o município deveria se levantar por seus próprios direitos, para ser eleito democraticamente e receber mais dinheiro. Em 1969, Madrazo morreu em um duvidoso acidente de avião. Isso ocorreu logo depois de afirmar que começaria um novo partido. E, obviamente, o PRI se preocupava com essa questão de Madrazo e a possibilidade de um novo concorrente. Preocupavam-se, na verdade, com a aglomeração de estudantes, que, como era sabido, não gostavam do PRI e apoiavam Madrazo. Além dos estudantes, ele possuía admiradores entre a população, operária e rural, e uma combinação como essa (estudantes mais massas) assustava ao PRI. Digo massa aqui, mas não me refiro ao sentido marxista, que normalmente fala da classe trabalhadora. Refiro-me a verdadeira massa de *rurales* do México. Os operários mexicanos tinham uma vida mais “fácil” e com mais “benefícios” em relação àqueles que viviam em áreas rurais.

AMCP: Benjamin, a história tradicional deixou de lado algum outro personagem histórico do pós-revolução?

BTS: Sim. Com certeza! Tenho muito interesse por esse tipo de personagem histórico e, por isso, venho trabalhando atualmente em um projeto sobre a imprensa mexicana, que está repleta desse tipo de personalidade. Minha história preferida é a de um jornalista chamado Carlos Denegri. Ninguém ouviu falar dele. Mas, foi muito conhecido no período, pois trabalhava no jornal *Excélsior*. Ele acabou morrendo de uma forma muito estranha, com um disparo de revólver dado por sua esposa. Posteriormente, a própria esposa alegou que o marido a agredia e que havia sofrido por muito tempo com sua violência. Denegri era multimilionário e havia inaugurado uma nova forma de fazer jornal investigativo no país, por intermédio da chantagem. Ele possuía uma pasta, na qual guardava três cartões. O primeiro cartão tinha o nome de políticos *priistas* que pagavam uma quantia por mês a fim de que fosse “bom” com eles no jornal. O segundo, os nomes daqueles que nunca o pagariam, para os quais seria muito “mal” nas publicações, e, por fim, o terceiro com nomes que poderiam pagá-lo no futuro, para os quais, portanto, seria mais “neutro” nas publicações. O jornalista Roberto Blanco Moreno também acabou se envolvendo seriamente com a política mexicana. Blanco tinha a fama de ser um grande jornalista de missões investigativas, mas, infelizmente, também acabava recebendo dinheiro por fora. Contudo, a relação entre Blanco e o PRI ficou mais evidente apenas quando o jornalista assumiu um cargo político (deputado) pelo mesmo partido. Bernardo León é outro nome. León trabalhava em Morelos e escrevia discursos maçantes em relação ao governo, sempre de forma favorável, e, por isso, acabara sendo responsável pelo cargo de prefeito de Cuernavaca. Além disso, León era uma figura muito difícil, pois, era alcoólico, apostava em jogos de azar, gastando quase 25.000 pesos por mês, possuía vinte e cinco filhos, com seis mulheres diferentes. E mantinha “tranquilamente” essa posição díspar de jornalista e político. Acho essas personagens corruptos fascinantes... Ainda tem um grupo que gostaria de mencionar: *las poquianchis*. *Poquianchis* eram mulheres, *serial killers*, que, de acordo com os jornais de Guadalajara, mataram cem homens, mulheres e crianças. Isso provavelmente não ocorreu. Acredito que, possivelmente, mataram algumas pessoas e deixaram outras morrerem de inanição ou alguma coisa do gênero. Meu argumento, contudo, afirma que essas mulheres sofreram muito nas vilas em que cresceram. Foram forçadas a casar muito cedo e acabaram fugindo de seus maridos agressivos. E, sendo assim, podemos

dizer que se firmaram como “mulheres independentes”. No entanto, o caminho de uma mulher independente, em 1940 e 1950, acabava sendo muito penoso. Essa história me fascina pelo jeito que ela é apresentada à sociedade e, sobretudo, por deixar transparecer o verdadeiro contorno da política e da moralidade pública. Afinal, *las poquianchis* tornaram-se uma grande preocupação da população mexicana. As pessoas diziam: “O que aconteceu com o nosso país? Fomos da revolução a um grupo feminino *serial killer* que matou centenas de crianças inocentes”. Isso aciona, com certeza, a imprensa alarmista e sensacionalista e, por conta dessa história, a tiragem de alguns jornais que antes chegavam à casa das 20.000 cópias semanais, passou, rapidamente, para 500.000 cópias. Basicamente, acredito que tenha surgido uma voz política completamente nova no país e, com certeza, relacionada à imprensa sensacionalista. Isso “puxou” as mentiras morais, mudando a forma que as pessoas concebiam a política. Então, ao invés de ovacionar figuras carismáticas e corruptas, passou a ser mais exigente em relação às suas qualidades morais.

AMCP: Benjamin, passarei agora ao fim do período sobre o qual conversamos. Gostaria que comentasse a polêmica vitória de Salinas de Gortari, em 1988, e o episódio comumente conhecido como “*Se cayó el sistema*”.

BTS: Claro. “*Se cayó el sistema*” ocorreu, em 1988, quando Salinas passou por uma batalha eleitoral complicada. Seu oponente, filho do ex-presidente Lázaro Cárdenas, chamava-se Cuauhtémoc Cárdenas. Aparentemente, Cárdenas era o mais popular e, provavelmente, receberia a maioria dos votos mexicanos. Para tal eleição, o governo tinha investido em uma nova máquina de contagem de votos, que, no dia decisivo, falhou. Durante o período em que funcionou, contudo, a contagem indicava a vitória de Cárdenas. Inesperadamente, anunciou-se que a máquina parou e que, consequentemente, o “sistema havia caído”. Quando o “sistema voltou” atribuiu a maioria dos votos para Salinas de Gortari, que, como se sabe, ganhou as eleições. A fraude eleitoral era algo muito comum em um âmbito municipal e estadual. Esse sistema de fraude eleitoral evidente fora algo “novo” pelo menos até 1940, afinal, creio que Juan Andreu Almazán tenha vencido as eleições, ao invés de Manuel Ávila Camacho. Da mesma forma, em 1952, acredito que Miguel Henríquez Guzmán tenha recebido mais votos do que lhe fora atribuído. Alguns jornais, como, por exemplo, *El proceso*, denunciavam a evidente adulteração dos números. Mas, a opinião pública era

dividida. Isso ficará provavelmente mais compreensível no momento que os arquivos do Serviço Secreto forem analisados por completo. Não obstante, no início da década de 1980, os EUA passaram a pressionar a democratização do México. Os EUA estimulavam o levante das bandeiras da democracia e, por isso, apoiavam grupos *panistas*. Posteriormente, tornou-se mais sólido o pensamento de um Estado *priista* autoritário e manipulador de eleições.

AMCP: Qual é sua interpretação do período *panista* (2000-2012)?

BTS: Bom, acredito que tenha sido uma completa perda de oportunidade. Quando Fox chegou ao *Partido da Acción Nacional* (PAN) afirmou que faria com que o México respirasse liberdade, assim como, disse que resolveria o problema zapatista e que, por fim, geraria crescimento econômico. No entanto, o PAN quase não promoveu crescimento. Muito pelo contrário, alguns problemas continuaram e, até mesmo, pioraram, como os cartéis do narcotráfico. Esses problemas que continuaram e, em alguns casos pioraram, foram a principal razão do PRI não ter sido reeleito. E, posteriormente, o PRI voltou à presidência porque a população olhou para trás, em 1999, enxergando escândalos de corrupção e instabilidade econômica, e preferiu esse cenário aos doze anos *panistas*. Isso comprova a pobreza da democracia estabelecida pelo PAN.

AMCP: Por que Enrique Peña Nieto venceu as eleições?

BTS: Acredito que, parcialmente, tenha sido em decorrência de uma nostalgia da estabilidade *priista*. Acho que é mais uma nostalgia do que algo direcionado a fatores solidamente reais. No ano de 1999, não existia estabilidade e, por isso, a população passou ao PAN. Mas, analisando o histórico de votos percebemos que o norte do país era quase por inteiro *panista*. E nas últimas eleições votou no PRI. Acredito que isso tenha ocorrido porque praticamente todos os estados estão arruinados com a guerra do narcotráfico. E, inevitavelmente, quando o PRI deixou o poder “permitiu” que os cartéis se fragmentassem e por consequência, se espalhassem. Suspeito, e isso aparecerá daqui alguns anos, que a saída do PRI tenha sido incentivado nessa fragmentação.

AMCP: As “Autodefesas” surgiram no México em Fevereiro de 2013 e concentram-se, principalmente, no estado de Michoacán. Essa organização paramilitar busca proteger-se dos abusos e violências cometidos pelos narcotraficantes em sua região. Alegam que o governo federal se abstém de tomar posturas eficazes contra essa situação, pois, em sua maioria, fora corrompido pelos cartéis do narcotráfico e que, assim sendo, lhes restou somente promover a própria paz. No caso de Michoacán, o cartel com maior poder chama-se *Caballeros Templarios* – ou, em português, Cavaleiros Templários. Um levante dessa magnitude, que se espalha por todo o território nacional, deixa parte da população mexicana seriamente preocupada, no que se refere à eclosão de uma nova guerra civil, já que possui em sua história casos deveras semelhantes. Para finalizar, gostaria que analisasse brevemente essa recente formação e que, por gentileza, respondesse a seguinte pergunta: existe relação entre tal movimento e o fim do governo *priista*?

BTS: Acredito que o surgimento de grupos paramilitares, como as Autodefesas, demonstram falhas de ambos os grupos, PAN e PRI. Na verdade, acredito que várias instituições falharam e que, por isso, a população necessitou produzir e lutar para manter a própria defesa. Mas, essa questão é muito complicada, porque alguns desses grupos são provavelmente patrocinados por algum cartel e/ou corporações internacionais. Portanto, acredito ser necessário dessacralizar alguns deles. Do mesmo modo, acredito que outros grupos possam estar promovendo a paz da sua comunidade ou pequena vila, mesmo que isso signifique “matar” pessoas.

Entrevista recebida em 18/05/2014. Aprovada em 10/08/2014.